

Reflexões sobre o Texto:

O jovem e sua concepção de história: patrimônio, museu e memória como mediadores da construção do conhecimento histórico

Joana D'arc Germano Hollerbach

Michelle Lima

O texto aborda questões sobre o ensino de história, problematizando as práticas tradicionais que ainda permanecem no ensino de história bem como alguns conceitos que devem estar presente no espaço escolar como meio para a construção do conhecimento histórico. Esse texto faz parte de uma pesquisa que tem por finalidade de mostrar o que o jovem do ensino médio compreende de história. Ressaltando qual a contribuição e se teve essa contribuição o ensino de história, na educação básica. O tema proposto iria perpassar pelos conceitos como museu, patrimônio e memória, qual o papel da educação patrimonial na educação escolar?

A pesquisa foi realizada com alunos de cinco escolas das redes públicas e particulares e ensino de Governador Valadares. Como resposta obteve-se que ainda a uma perspectiva tradicional da compreensão da história, visto que pode ser pelas práticas escolares que problematizam muito pouco. Então se identifica a ausência de referências a museus, patrimônio histórico, no que diz respeito à declaração dos alunos.

A autora remete a questão dos Parâmetros Curriculares Nacionais, onde um dos objetivos da história e a valorização do patrimônio sociocultural, onde ira desenvolver a noção de cidadania. Trás ainda a importância da educação patrimonial, como uma forma de aproximar o jovem com outras formas de representação da história.

Josi Silva Tormam

Relaciono o texto com as experiências do PIBID em diversos fatores, como a preocupação que nós temos ao entrar em sala de aula e tentar fazer com que o aluno consiga compreender seu espaço e sua importância, sentindo-se um agente ativo na história.

Também, acredito ser importante ressaltar a discussão apresentada no texto sobre os alunos verem a História como uma única verdade, em relação a isso sempre deixo bem claro nas discussões com eles que a História é passível de mudanças e de olhares diferentes, pois acredito que nós que estamos nos formando com concepções mais atualizadas temos o papel de repassar o que aprendemos na universidade.

O texto também apresenta que os Museus e os outros “lugares de memória” são na maioria das vezes frequentados por crianças das séries iniciais, pois elas estudam a história da cidade nessa etapa. Percebi esse fato no contato com a escola, pois os alunos do 4ºano estavam muito mais interessados com as questões propostas, que os das outras turmas.

O tédio dos alunos é outro ponto o qual relaciono como importante, pois percebi ao longo de minhas intervenções que a maioria deles parecem cansados do

conteúdo, e quando realizamos as práticas com eles a maioria se mostra muito interessado pela História, portanto creio que a forma como a História está sendo apresentada já não os envolve mais.

Concluo que o texto apresenta resultados os quais temos contato todos os dias, sendo que no ambiente escolar e se tratando do ensino de História há questões que estão sempre em discussão. A inserção do Museu como lugar de educação e de questões ligadas ao Patrimônio no contexto escolar, está se tornando cada vez mais indispensável, embora seja muito recente, é de extrema importância que o aluno se aproxime de outras formas de representação da História.

Universidade Federal do Pampa

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) - Educação Patrimonial

Bolsista: Josias de Oliveira Peixoto Junior

Coordenadora: Juliane Serres

Resumo do texto: O jovem e a sua concepção de história: Patrimônio, museu e memória como mediadores da construção do conhecimento histórico.

Joana D'Arc Germano Hollerbach

No texto “O jovem e a sua concepção de história: Patrimônio, museu e memória como mediadores da construção do conhecimento histórico”, Joana D'Arc tem como objetivo identificar nos jovens estudantes que estão para concluir o ensino médio, suas concepções de História, se existe algo que lhes chama mais atenção em específico, quais seus conhecimentos sobre pesquisa histórica e identificar qual o aspecto geral que o jovem tem sobre História.

Utilizando-se de um questionário, que levou em consideração 172 jovens em conclusão do ensino médio de diferentes escolas da rede estadual e particular de ensino da cidade de Governador Valadares, notou a quase nula presença de referências a locais como museus, patrimônios históricos ou a memória em modo geral. Ao indagar os alunos, pode perceber que boa parte dos estudantes conseguia relacionar o estudo histórico com sua vida cotidiana, levemente relacionando seu conhecimento sobre História a filmes, Tv, jornais, revistas e documentários.

Na visão de boa parte dos entrevistados, a História ainda é relacionada a coisas velhas, a contos sobre heróis antigos ou figuras do passado, como antigos governantes, presidentes, figuras que fizeram parte de um cenário antigo, datas comemorativas e afins, nesse ponto, a autora coloca que em parte a ausência de interesse dos alunos pelo tema, se dá pela ausência de incentivo público na valorização do patrimônio cultural.

Ao fim, a autora explica a importância de aproximar os estudantes desses espaços, a fim de fazer sua concepção sobre História ser mais abrangente, não mais limitada a tradicionalismos, onde se perde espaço para uma visão mais crítica e reflexiva, sendo a História vista como algo a ser compreendido, interpretado e não apenas como fatos, como um passado distante, algo inacessível e imutável, distante de suas respectivas

realidades, tornando o ensino de História mais atraente, possibilitando assim o acesso do jovem a outras formas de aprendizado histórico.

TEXTO

O jovem e sua concepção de história: patrimônio, museu e memória como mediadores da construção do conhecimento histórico.

Joana D'Arc Germano Hollerbach

O texto trata de uma pesquisa realizada pela professora supervisora de estágio supervisionado no curso de história da UNIVALE, em Governador Valadares, onde são abordadas questões como o jovem e o ensino de história, na busca de saber qual a compreensão do conceito de história para os jovens do ensino médio de escola pública, também é abordada a importância da educação patrimonial na escola e como estão sendo trabalhados conceitos de museu, patrimônio e memória.

Para que os dados possam ser analisados foi aplicado aos jovens concluintes do ensino médio um questionário de 36 perguntas, uma das questões analisadas trata da relação da história fora do contexto escolar onde as respostas foram as seguintes 44% respondeu nenhuma, o restante dos outros 56% indicaram informações em jornais, tv, filmes e documentários e apenas três (3) alunos responderam em visita a museu.

Partindo daí a autora relata a concepção tradicional que os alunos carregam consigo, e a grande dificuldade destes em inserir-se em ações e projetos de educação patrimonial, visita a museus como espaço de aprendizagem da história em sua escolarização básica, dentre outros. Sendo que é considerada também a questão de que a discussão sobre patrimônio, memória e museu e nova e não foi contemplada aos cursos antes de 2000.

Outro ponto é que se referindo à rede pública os problemas não se restringem apenas na área de história e sim a um todo.

Ao final do texto a autora ressalta a importância da proposta de Educação Patrimonial que vem abrindo espaço para práticas que possibilitem o contato do jovem com outras formas de representação da história.

Patricia Virginia Padula Medeiros
3º Semestre História
PIBID EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O jovem e sua concepção de história: patrimônio, museu e memória como mediadores da construção do conhecimento histórico.

Joana d'arc Germano Hollerbach

O texto traz um paralelo entre a discussão do tema patrimônio, museu e memória durante o congresso eurobrasileiro de gestão do patrimônio cultural e uma pesquisa que a autora desenvolve dentro do programa de pós-graduação em educação da faculdade de educação da ufmg.

“Uma das questões levantadas por ela foi o “olhar do ensino de história na cidade.”

Através dos relatos dos alunos estagiários pode-se perceber que algumas práticas tradicionais permanecem no ensino de história, no que diz respeito ao patrimônio, museus e memórias quando se perguntou aos alunos o que lhes vinham a cabeça quando se faziam perguntas relacionadas a esse tema notou-se que pouquíssimos tiveram relação com a história fora do espaço escolar.

“Os dados apresentados na pesquisa nos fazem pensar sobre o papel do ensino de história”.

Fazendo uma relação do assunto abordado no texto com a nossa realidade, de alunos e bolsistas, podemos concluir que é bem parecido com que está acontecendo, pois estamos passando o conhecimento adquirido na faculdade para os alunos das escolas através dos conhecimentos sobre patrimônio, museus e memória.

Podemos também “comparar” o que aprendemos quando fomos alunos com o que estudamos na faculdade e de que forma é passado esse conhecimento na escola.

Uma coisa que é importante destacar é que os parâmetros curriculares nacionais apresentam como um dos objetivos gerais da história “valorizar o patrimônio sociocultural”, esse documento ainda recomenda a diversificação do trabalho em sala de aula através do uso do documento, visita a museus e outros locais que favoreçam a construção do conhecimento histórico.

Achei muito interessante essa abordagem do assunto, e é mais ou menos isso pelo que pude perceber que nós (bolsistas) estamos fazendo, levando para a sala de aula nosso conhecimento e mostrando o assunto através de fotos, documentos, passeios etc.

Para que a história que ainda é vista por boa parte dos respondentes da pesquisa deixe de ser uma “coisa chata” ou como coisa velha e desnecessária, sem utilidade, para se tornar algo prazeroso de ser estudado.

Carlos Otoniel

Ao ler o texto, pude identificar vários pontos em comum com nossas (minhas e da Kênya) intervenções na escola. Primeiramente, assim como a autora, aplicamos um questionário para saber sobre dos alunos o que era História e para que servia a História. Assim como a autora, nos deparamos com uma realidade na qual os alunos associam a História com algo velho, antigo e sem serventia. Uma História ligada à datas, fatos e heróis; “descolada” da participação popular. A leitura do texto me permitiu pensar em novos caminhos para as próximas intervenções. Ficou mais claro como usar a educação patrimonial para expandir o conceito da História, não como algo dado, pronto; mas algo em constante construção.

O jovem e sua concepção de história: patrimônio, museu e memória como mediadores da construção do conhecimento histórico.

Joana d'arc Germano Hollerbach

O texto traz um paralelo entre a discussão do tema patrimônio, museu e memória durante o congresso eurobrasileiro de gestão do patrimônio cultural e uma pesquisa que a autora desenvolve dentro do programa de pós-graduação em educação da faculdade de educação da ufmg.

“Uma das questões levantadas por ela foi o “olhar do ensino de história na cidade.”

Através dos relatos dos alunos estagiários pode-se perceber que algumas práticas tradicionais permanecem no ensino de história, no que diz respeito ao patrimônio, museus e memórias quando se perguntou aos alunos o que lhes vinham a cabeça quando se faziam perguntas relacionadas a esse tema notou-se que pouquíssimos tiveram relação com a história fora do espaço escolar.

“Os dados apresentados na pesquisa nos fazem pensar sobre o papel do ensino de história”.

Fazendo uma relação do assunto abordado no texto com a nossa realidade, de alunos e bolsistas, podemos concluir que é bem parecido com que está acontecendo, pois estamos passando o conhecimento adquirido na faculdade para os alunos das escolas através dos conhecimentos sobre patrimônio, museus e memória.

Podemos também “comparar” o que aprendemos quando fomos alunos com o que estudamos na faculdade e de que forma é passado esse conhecimento na escola.

Uma coisa que é importante destacar é que os parâmetros curriculares nacionais apresentam como um dos objetivos gerais da história “valorizar o patrimônio sociocultural”, esse documento ainda recomenda a diversificação do trabalho em sala de aula através do uso do documento, visita a museus e outros locais que favoreçam a construção do conhecimento histórico.

Achei muito interessante essa abordagem do assunto, e é mais ou menos isso pelo que pude perceber que nós (bolsistas) estamos fazendo, levando para a sala de aula nosso conhecimento e mostrando o assunto através de fotos, documentos, passeios etc.

Para que a história que ainda é vista por boa parte dos respondentes da pesquisa deixe de ser uma “coisa chata” ou como coisa velha e desnecessária, sem utilidade, para se tornar algo prazeroso de ser estudado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMAPA – Campus Jaguarão

Atividade PIBID

Profa. Dra. Juliane C. P. Serres

Alunos: Edson Sousa Lucas de Araujo

HOLLERBACH, Joana D'Arc Germano. O jovem e a concepção de história: patrimônio, museus e memória como mediadores na construção do conhecimento histórico. In: Area Dominiu, nº 3. Governador Valadares, 2008.

Ao longo do texto, a autora aborda algumas questões pertinentes ao nosso trabalho no PIBID. A autora aponta a existência de uma visão tradicional, que ainda hoje, é muito forte na escola, o que acarreta na reprodução dessa visão tradicional pelos alunos do ensino básico. A autora aponta dois fatores para essa reprodução: a falta de preparo dos professores para trabalhar temas como patrimônio, museus e memória, e

a desvalorização da disciplina em detrimento a conteúdos como português e matemática.

A autora aponta que o ensino de história sofreu diversas mudanças de perspectivas nos últimos anos. Os cursos de licenciatura em história tem se preparado para atender as novas demandas do ensino, inserindo nos seus componentes curriculares discussões historiográficas recentes, antropológicas, sobre patrimônio, dentre outras. A autora coloca que essas mudanças começaram a se dar com mais força por volta do ano 2000. Mas a realidade da escola ainda é bem diferente, nas nossas observações, pudemos constatar a realidade apontada pela autora, os professores trabalham em uma perspectiva tradicional, deixando de lado discussões sobre patrimônios, aplicando cópias e questionários.

A mudança no ensino de história já começou. Segundo a autora, “os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN) apresentam como um dos objetivos gerais da história “valorizar o patrimônio sociocultural””, com a pretensão de que os alunos desenvolvam a noção de cidadania, ampliem a noção do outro e aprendam a respeitar a diversidade cultural. Mas só a previsão nos PCN não basta para que a mudança ocorra.

A falta de preparo dos professores é algo preocupante e notável, o governo implementou os novos PCN, mas esqueceu de dar as ferramentas intelectuais e materiais para os professores desenvolverem as atividades com os alunos. As discussões sobre esses assuntos é algo novo na realidade da educação brasileira e tem sido conduzido de forma mal dirigida pelo governo.

O trabalho do nosso projeto na escola está inserido nessa mudança da realidade do ensino de história. Porém, o nosso trabalho na instrumentalização dos professores ainda tem deixado a desejar. Mesmo sendo professores inseridos em um projeto de educação patrimonial, os supervisores do IEEES ainda fazem uso de práticas tradicionais, não procuram relacionar os conteúdos trabalhados com as práticas do projeto. Acredito que essa seja uma falha, tendo em vista que o projeto um dia acaba e as práticas dos professores não se adaptarão a nossa proposta de mudança na perspectiva de ensino.

A autora aponta para a necessidade de se conceber a história como uma construção humana, não como uma verdade dada para a assimilação e aceitação dos alunos. Esse é uma dos maiores desafios, atentar os alunos para essa visão crítica da história, colocando-os como agentes ativos da construção histórica. Esse desafio é um dos mais importantes, pois com essa visão, abre-se o caminho para a formação de um cidadão mais comprometido com a sua história e preocupado com a sua cidade, com os espaços históricos e locais de memória.

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência - PIBID

Comentário sobre o texto “O jovem e sua concepção de história: patrimônio, museus e memória como mediadores da construção do conhecimento histórico”

Bolsista: Kaiene de Carvalho Pereira

O texto de Joana D’Arc Germano Hollerbach tem muitos pontos de encontro com as experiências que já tive no PIBID. Ela inicia seu texto falando sobre a pesquisa que foi feita com os alunos que estavam saindo do ensino médio para entender a visão

que eles tinham sobre a história. Muitas respostas dadas pelos alunos lá se parecem com as respostas dos nossos questionários aqui, mas uma das que mais me chamou a atenção foi a quando os alunos indicaram o desejo de estudar a história da cidade, resposta essa muito presente nos questionários do PIBID na escola Espírito Santo.

Muitos dos resultados da pesquisa, comentada durante o texto, nos fazem perceber que algumas dificuldades são comuns a todos. As dificuldades tecnológicas nas escolas, o descaso, a falta de preparo com dos professores, tudo isso podemos sentir no contato com a escola que o PIBID nos proporciona. Hollerbach também relata uma das premissas dos PCN's que é a valorização do patrimônio cultural, entretanto conforme relatado no texto, as discussões a cerca do patrimônio histórica aparecem nos cursos de formação a partir dos anos 2000, assim muitos professores que estão nas escolas não tiveram essa discussão em sua formação, sendo essa mais uma deficiência na abordagem do patrimônio em sala de aula.

É necessária a aproximação dos alunos do patrimônio histórico, fazendo-os se reconhecerem como personagens ativos na construção da memória social, mas para tal é necessário que os professores dominem esse assunto, que essas discussões sejam suscitadas além dos bancos escolares. Os desafios no ensino de história são grandes, assim como o texto apresenta e como sentimos na escola, entretanto não é impossível, da mesma forma que a história é encantadora para os historiadores ela pode ser para os alunos, isso pode se dar através de exercícios simples que exercitem a memória dos alunos.

RELATÓRIO

TEXTO: O jovem e sua concepção de história: patrimônio, museu e memória como mediadores da construção do conhecimento histórico de Joana D'Arc Germano Hollerbach.

Nome: Mariana Soares da Silva

O objetivo desse trabalho é relatar os principais tópicos existentes no texto de Hollerbach, para conseqüentemente poder relacionar com as aulas observadas durante a intervenção dos colegas. A autora começa sua obra caracterizando que o texto evidencia uma discussão apresentada durante o Congresso EuroBrasileiro de Gestão do Patrimônio Cultural, buscando uma relação entre a pesquisa O Jovem e o ensino de História: A compreensão do conceito de história por alunos do Ensino Médio, e os relatos dos estagiários do Curso de História da Univale. A ênfase é dada através da necessidade de discutir no espaço escolar conceitos como patrimônio histórico, memória e museu, como recurso para a construção do conhecimento Histórico. Para tanto utilizou-se de relatos de alunos que concluem e educação básica, nos relatos dos estagiários, bem como através dos dados colhidos durante o trabalho.

No segundo momento Hollerbach cita que através dos relatos dos alunos estagiários, ainda percebemos práticas tradicionais que permanecem no ensino de História, podendo relacionar com as concepções ainda tradicionais dos alunos do Ensino médio, quando se trata de patrimônio e memória. Partindo desse ponto de vista a autora propõe discutir os seguintes pontos: em que quantidade conceitos como museu, patrimônio e memória aparecem nas respostas dos entrevistados, podendo ser relacionados às concepções de história que eles declaram, bem como qual o papel do espaço escolar na educação patrimonial ou a educação patrimonial no espaço escolar.

Para tanto, foram aplicados questionários aos alunos. No resultado ficou comprovado que ambos os alunos não conseguem interligar a história fora do ambiente escolar.

No terceiro momento, ela suscita que esses dados fazem pensar sobre o papel do ensino de História, este que é muito bem formulado através de projetos políticos e pedagógicos, onde fica esclarecido que este ensino deve contribuir para que o aluno perceba seu lugar na construção social, para que o mesmo se assuma como componente dessa história. Sendo um dos objetivos gerais da história, valorizar o patrimônio sociocultural e fazer com que o indivíduo amplie sua noção de cidadania, sabendo assim respeitar os demais. Também nesse documento é recomendada a diversificação do trabalho em sala de aula, através do uso de documentos, de visitas aos museus, uma abordagem conceitual da historiografia contemporânea e metodologias, com isso possibilitando que o aluno elabore uma concepção de história. Já em relação às concepções tradicionais os questionários relatam que é bastante presente, baseada na idéia da história como verdade, como resposta, ainda é forte em relação aos alunos da pesquisa. Ambos tratam da História como apenas, heróis, datas comemorativas, guerras e figuras clássicas.

A autora demonstra no texto que os estudantes estão muito distantes dos lugares de memória como espaço de aprendizagem que talvez essa questão possa estar relacionada à ausência de políticas públicas de valorização do patrimônio cultural, pois essas mesmas são ainda muito precárias no âmbito da prática. Tanto que os alunos esclarecem durante o texto o desejo de estudar a história da cidade, esses não tiveram acesso ao museu como espaço de aprendizagem.

No próximo ponto a autora caracteriza como importante a formação dos professores, pois o mesmo não tem um conhecimento específico da área de patrimônio, memória e museu para ensinar aos alunos, se apegando aos métodos tradicionais. Portanto isso se explica o tédio e o desconhecimento dos alunos pela área do ensino em história. Também durante esse parágrafo Hollerbach desenvolve a questão das condições e das dificuldades do ensino de História nas escolas, não só este e as demais disciplinas, pois muitas vezes a escola não tem uma infra-estrutura adequada para desenvolver a capacidade de conhecimento nos alunos.

No último ponto, fica demonstrado a importância do patrimônio que está naquilo que representa, na sua relação com a memória, como algo que foi vivido por um grupo ou indivíduo e permanece até hoje. Para melhorar esse ensino surgiu à idéia de educação patrimonial para o ensino médio, indicada pelo governo de Minas Gerais, através da capacitação de técnicos e docentes do sistema de ensino para a utilização de conceitos e metodologias adequadas. Para poder desenvolver habilidades em alunos e professores sobre a compreensão e percepção de ambos como agente da história, conseqüentemente participando de práticas culturais e da valorização da diversidade cultural.

Relaciono o texto trabalhado com a observação em sala de aula na perspectiva de que ao tratar sobre Educação Patrimonial nas escolas, há a necessidade de explicar conceitos básicos, como patrimônio, museu e entre outros, para que o mesmo possa compreender do que se trata. Como também explicar de forma concisa os conceitos e relacionar com exemplos da cidade, com o presente do indivíduo. Passando assim a desenvolver a capacidade de concepção, questionamento e conhecimento do que se trata. Além disso, através desse método o indivíduo consegue participar de forma mais ativa em relação à educação Patrimonial, deixando de lado a timidez gerada pelo

método tradicional. Concluo então enfatizando a importância do trabalho de Educação Patrimonial nas escolas, para o próprio reconhecimento de cultura, de patrimônio e entre outros, bem como poder transmitir isso aos alunos de forma diversificada que é realmente necessário para um bom educador.

Suellen Dias Tourança Ribeiro

Reflexão sobre o texto: *O Jovem e sua Concepção de História: patrimônio, museu e memória como Mediadores da Construção do Conhecimento Histórico.*
(Joana D'arc Germano Hollerbach)

As concepções tradicionais que permanecem não só no ensino de história, mas no ensino como um todo, permeiam os séculos, ou seja, há um “atraso” na educação que evidenciamos ao analisarmos a educação básica. Da mesma forma, é passível de acreditarmos que as universidades não estão preparadas suficientemente para dar suporte aos futuros professores.

Na medida em que, o “tempo de fábrica”, é o “carro chefe” das universidades, neste mundo extremamente capitalista. Por vezes, parece que pouco importa o conteúdo, desde que, esteja dentro dos padrões estabelecidos, portanto, este tempo de produção, de cumprir metas, de cumprir prazos, torna o indivíduo robótico, mecânico, acabando com o espaço reflexivo e com a criatividade. Afinal, a “academia” critica os professores do ensino regular, mas cabe a pergunta: quantos daqueles foram formados por esta “academia”, será que o “germe” do problema é o professor?

Quando adentramos nas escolas de ensino regular, nos deparamos com uma realidade pouco agradável e saímos do “conto de fadas” da universidade. Logicamente, que o professor enquanto disseminador do conhecimento, não pode justificar as suas frustrações profissionais, na maneira que desenvolve sua aula. A perda da afetividade, a falta de comprometimento, bem como, o excesso da carga horária para uma melhor remuneração, ocasionam à prática da repetição, visto que, o método de trabalho passa a ter caráter secundário, então o “velho” modelo tradicional se faz presente.

Nós enquanto profissionais da educação, devemos buscar metodologias que façam os alunos agentes da história, nada melhor do que compreender a história, fazendo parte dela e eliminando aqueles “clichês” tachativos: do mundo dos heróis, das guerras, das datas, que exclui os verdadeiros autores da história: “o povo”.

Sabemos das limitações tecnológicas nas escolas, porém, a criatividade do professor deve ir além destas limitações, às vezes, as soluções estão mais próximas de nós, do que realmente imaginamos, por exemplo: porque não estudar a história da cidade através da visita ao museu, as praças, as igrejas, entre outros. Assim sendo, devemos ter em mente que antes do aluno conhecer a Europa, ele precisa conhecer o território que ele pisa, não podemos partir do princípio de exclusão da história cidadina, pelo simples fato de pertencermos a ela.

Os desafios de nós educadores são muitos, quer desafio maior do que discutir conceitos com os alunos. O que é patrimônio, o que é memória, o que é educação? Discutir conceitos não é trazê-los pronto, fechados, estanques, mas sim fazer o papel

de mediação e dar a possibilidade do aluno construir seu próprio entendimento, visto que, o aluno também é construtor deste conhecimento. Diante destas e de outras problemáticas no “universo” educativo não podemos excluir os agentes e as relações sociais deles, com a história. Precisamos nos adaptar a esta “modernidade líquida”, mas não podemos banalizar o conhecimento e restringí-lo aos conceitos dados, precisamos sim estimular o senso crítico dos alunos e possibilitarmos a construção de seus próprios conceitos.